

POLÍTICAS CULTURAIS VIVAS: RAÍZES E REDES DO MOVIMENTO ENRAIZADOS

Barbara Peccei Szaniecki¹ e Rocilei da Silva²

RESUMO: Com base na experiência do Movimento Enraizados avaliamos, neste artigo, avanços já realizados e ainda possíveis do Programa Cultura Viva / MinC. Seleccionamos cinco eixos de análise: a relação entre trabalho formal e trabalho da cultura na perspectiva da emancipação; a geração de novas formas de financiamento da atividade cultural e novas possibilidades de renda; a viabilização de local e equipamentos com autonomia de escolha; a relação entre trabalho da cultura e produção de conhecimento; a organização da produção cultural como organização da resistência a partir do protagonismo da juventude. Esses cinco eixos propõem a invenção de uma visão cultural da economia no lugar da visão econômica da cultura. Invenção que leva ao questionamento da noção de “desenvolvimento” e da própria noção de “trabalho”.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura viva, trabalho, renda, organização, resistência.

Fomos ao encontro do Movimento Enraizados³ numa manhã de sábado, conhecemos o Espaço Enraizados e ouvimos as histórias de Dudu de Morro Agudo e Luiz Carlos Dumontt.⁴ Também fomos brindados com a palestra de Dudu na Casa de Rui Barbosa no colóquio Arte, Cultura e Multidão do seminário Espiral Terra, Mundo Brasil. Mas as análises aqui apresentadas são baseadas essencialmente no livro *Enraizados – Os Híbridos Glocais*. Temos uma chave literária mais do que um método sociológico (que todavia não será descartado⁵) para avaliar o que os movimentos culturais necessitam em termos de incentivos, e apreender isto é um modo de contribuir para avançar nas políticas culturais. Essa avaliação se faz necessária neste momento em que o Ministério da Cultura parece desdenhar uma de

¹ Barbara Peccei Szaniecki é pesquisadora de pós-doutorado na ESDI/UERJ. <dolar.rj@terra.com.br>

² Rocilei da Silva é mestre pelo IBICT/Ministério da Ciência e Tecnologia.

³ <http://www.enraizados.com.br/>

⁴ Também nos receberam Léo da XIII e Samuka Azevedo.

⁵ Recentemente o IPEA, realizou uma pesquisa muito bem fundamentada (como definição de modelo lógico e grupo focal, além de aplicação de questionário e observação de campo) que levamos em conta neste estudo. SILVA, Frederico Augusto Barbosa da; ARAÚJO, Herton Ellery (organizadores). *Cultura Viva – Avaliação do programa Arte, Educação e Cidadania*. Brasília: IPEA, 2010. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5618

suas políticas de maior êxito, a dos Pontos de Cultura⁶. Essa sinalização de uma possível descontinuidade ou descaracterização não vem apenas da redução orçamentária de um ministério já caracterizado pelos seus poucos recursos, como da possível fusão da Secretaria de Cidadania Cultural e da Secretaria da Diversidade Cultural em uma só Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural, e também de uma tentativa de reconceituação do Programa Cultura Viva por parte de seus novos gestores. O livro assinado por Dudu de Morro Agudo (como é conhecido o rapper Flávio Eduardo da Silva Assis) aborda desde o momento em que teve a idéia de escrever cartas a militantes do hip hop até o momento atual do Movimento Enraizados que, como o nome indica, se vê como movimento mais do que como ONG, embora também faça referência ao termo “organização” em sua auto-definição. Deste período de 11 anos (1999 – 2010), extraímos alguns eixos principais para nossa reflexão sobre políticas culturais.

1. Relação entre trabalho formal e atividade cultural informal na perspectiva de emancipação

Dudu de Morro Agudo trabalhava no supermercado Alto da Posse fazia um ano quando, em 1998, pensou em escrever cartas três militantes de hip-hop cujo endereço constava numa revista que comprara. Com os pedidos entusiastas de adesão a uma organização que sequer existia ainda, conscientizou-se que o Movimento Enraizados acabara efetivamente de nascer, destinado a desenvolver os 4 elementos do hip hop: rap, break, DJ e graffiti. A relação com o trabalho no supermercado pontua a narrativa de *Enraizados – Os Híbridos Glocais* até quando Dudu e seu parceiro, o ator de teatro Luis Carlos Dumontt, pedem demissão sendo que, ao longo desse conturbado percurso, é feita uma análise dos prós e contras do trabalho assalariado. A relação com o trabalho formal traz vantagens importantes como o salário fixo para manter a família – uma preocupação constante – e para financiar parte das atividades⁷, além da estrutura física do emprego que lhe permite gravar cópias dos CDs e fotocopiar as capas, fazer contatos (com o senhor Edson, por exemplo, que leva Dudu a conhecer um estúdio de gravação) e fazer ligações

⁶ Para conhecer a história e entender o que são os Pontos de Cultura recomendamos: TURINO, Célio. *Ponto de Cultura. O Brasil de baixo para cima*. São Paulo: Anita, 2009.

⁷ “Sempre utilizei o dinheiro das minhas férias ou o décimo terceiro salário para realizar as ações do Movimento Enraizado.” DE MORRO AGUDO, Dudu. *Enraizados – Os Híbridos Glocais*, p. 88.

telefônicas de articulação necessárias ao movimento. Mas também traz a desvantagem da inflexibilidade dos horários de trabalho: dificuldades para dar entrevistas à imprensa pois os jornalistas também trabalham no horário comercial, ou seja, justamente naquele em que Dudu não pode atendê-los; e dificuldades para comparecer em congressos onde o Movimento Enraizados é convidado⁸ como a TEIA de São Paulo em 2006⁹, sendo então mentir no emprego a única solução¹⁰. A dificuldade de Dudu e Dumontt em conciliar o horário de trabalho formal com a organização das atividades culturais do Movimento Enraizados é a mesma que muitos jovens encontram para participar das oficinas e encontros. Por conta dessas vantagens e desvantagens, o momento de pedir demissão é fruto de muita reflexão (capítulo “Dinheiro: solução ou mais problemas?”) e, apesar da era de incertezas que abre, anunciado com orgulho: “eu e Dumontt decidimos deixar nossos empregos para nos dedicarmos em tempo integral ao Movimento Enraizados. No dia 20 de dezembro de 2006, eu e Dumontt pedimos demissão dos nossos empregos formais.”¹¹ Essa saída anunciada e assumida constitui a trama não somente do livro como da própria vida de Dudu, de Dumontt e de muitos jovens da periferia que não optaram por “fugir da periferia, mas sim fazer a periferia fugir, transbordar, ir além da medida.”¹² É preciso enfatizar aqui o papel que o Programa Cultura Viva teve nesta decisão. De retorno de um encontro em Teresina, em fevereiro de 2005, onde foram discutidos os Pontos de Cultura que seriam aprovados para o MHOB (Movimento Hip Hop Organizado Brasileiro), Dudu diz: “Não poderia imaginar que essa viagem mudaria totalmente o rumo do Movimento Enraizados no Rio de Janeiro.”¹³ Daí a necessidade em se pensar em políticas culturais que não evocam a liberdade como um ponto de chegada, e sim que incentivem uma contínua prática de libertação, um êxodo. A linha de fuga do trabalho subordinado conduz à outros quatro pontos de reflexão que escolhemos para pensar essas novas políticas, em particular as do Programa Cultura Viva que formulou seus próprios valores diferenciando-se daqueles que preconizam a relação da cultura com o desenvolvimento econômico e acabam por subordinar a primeira ao segundo

⁸ “Eu trabalhava no supermercado Alto da Posse todos os dias da semana e não podia faltar”. Ibid., p. 98.

⁹ “Alguns ônibus levariam os integrantes dos Pontos de Cultura para São Paulo, mas eu e Dumontt não pudemos ir porque era dia de semana e horário comercial.” Ibid., p. 156.

¹⁰ “Tive de inventar muita história na empresa onde trabalhava.” Ibid., p. 117.

¹¹ Ibid., p. 188.

¹² DA SILVA, Rociclei. *Informação, cultura e cidadania no coração da periferia pelas batidas do hip hop*. Rio de Janeiro, Dissertação, 2011 (Mestrado no IBICT/Ministério da Ciência e Tecnologia).

¹³ DE MORRO AGUDO, Dudu. *Enraizados – Os Híbridos Glocals*, p. 128.

por conta do próprio termo “desenvolvimento” que tem uma conotação econômica explícita¹⁴ atrelada à noção de “sustentabilidade”. Não se trata de redefinir desenvolvimento, e sim de questionar a própria noção de desenvolvimento: inventar então uma visão cultural da economia ao invés de adotar a visão econômica da cultura como a nova gestão do Ministério da Cultura parece assumir ao criar, por exemplo, uma Secretaria da Economia Criativa ao invés de uma Secretaria da Economia Viva (ou mesmo, uma Secretaria Cultural da Economia. Porque não?). O questionamento da noção de “desenvolvimento” leva inevitavelmente a um questionamento, a partir da cultura, da própria noção de “trabalho” para abordar a produção cultural e que a leva inevitavelmente a ganhar aspas: por que “trabalhamos”? Onde e com o quê “trabalhamos”? O que fazemos efetivamente quando estamos “trabalhando”? Como e com quem organizamos o “trabalho”? São os pontos que desenvolveremos a seguir, sobretudo no sentido de novas perspectivas de emancipação (do próprio trabalho subordinado e não apenas).

2. LARGAR O SALÁRIO, INVENTAR NOVAS FORMAS DE FINANCIAMENTO DA ATIVIDADE CULTURAL E NOVAS POSSIBILIDADES DE RENDA.

Evidentemente, a ausência de salário leva a uma imediata procura por meios de financiamento das atividades culturais e, sobretudo, por novas possibilidades de renda para a vida. O Movimento Enraizados – que de início vivia basicamente da produção (viabilizada pelos salários de seus integrantes) e da venda de CDs e camisetas, ambas articuladas em rede pelo Portal Enraizados – vai ampliar seus horizontes. Já em 2002, Dudu e Dumontt pensam em fazer uma sociedade¹⁵, em 2003

¹⁴ A relação da cultura com “desenvolvimento” é, por exemplo, defendida por Marta Porto, Secretária da Cidadania e Diversidade Cultural (SCDC/MinC) em PORTO, Marta. *Cultura e desenvolvimento em um quadro de desigualdades*. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e Fundação Pedro Calmon, 2009. A questão não é redefinir “desenvolvimento” como o faz, por exemplo, o Prêmio Nobel de Economia Amartya Sen, e sim de questionar onde nos levou a primazia dessa noção sobre a cultura. Marta Porto cita o termo “ativo cultural” cunhado por Joatan Vilela Berbel, inspirado por sua vez na definição de cultura consagrada pela UNESCO em 1997 no México, p. 42.

¹⁵ “Cada um entraria com parte do dinheiro e receberia algumas blusas pra vender, uma porcentagem voltaria para a organização, para fazermos mais blusas, e o restante ficava com a galera que investiu. O objetivo era gerar uma renda complementar, pois todos já tinham um trabalho formal, e ainda divulgar a organização.” DE MORRO AGUDO, Dudu. *Enraizados – Os Híbridos Glocais*, p. 86.

vêm os convites para shows se multiplicarem¹⁶, em 2004 almejam sob influência de Preto Ghóez a criação de uma circulação cultural independente¹⁷. Nos anos seguintes, o Movimento Enraizados acumula um grande número de projetos e parcerias: com ONGs como a Fase, por exemplo, participa do evento “Derechos e Direitos” realizado em 2006 em Nova Iguaçu, em 2007 na Argentina em 2006, e que segue seu curso; com o município de Nova Iguaçu, através da Secretaria de Valorização da Vida e Prevenção da Violência, realizou oficinas e palestras voltadas à juventude da cidade; e com o governo federal: através do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome executou o ProJovem Adolescente e, em particular, através do Ministério da Cultura, manteve uma relação contínua através de participação na I Conferência Nacional de Cultura em Brasília em 2005, nas TEIA (encontros regionais e nacional de Pontos de Cultura) nos anos seguintes, até alcançar o estatuto atual de Pontão Digital Preto Ghóez Juventude Digital e Pontinho de Cultura. Apesar de todos esses projetos e parcerias, o financiamento das atividades não havia encontrado até 2007 (um ano após o pedido de demissão do emprego) um ponto de equilíbrio: “[...] eu e Dumontt estávamos trabalhando no escritório, eu ia almoçar na casa da minha mãe e ele passaria mais tarde na casa de sua avó. Já não tínhamos grana para o miojo. Fui andando para a casa da minha mãe pensando que tipo de trabalho poderíamos fazer para descolar uma grana.”¹⁸ Essa situação sofrida de “insustentabilidade” parece, numa primeira leitura, contradizer a percepção que o presidente do IPEA tem da sustentabilidade de iniciativas culturais como os Pontos de Cultura – no qual se encaixa, sem ser absorvido totalmente, o Movimento Enraizados. Com efeito, em defesa dos Pontos de Cultura, Marcio Pochmann afirma junto com Juca Ferreira que:

quanto à sua sustentabilidade, os Pontos de Cultura vêm demonstrando habilidade para manter relações estáveis com outras instituições, além do próprio MinC: 83% têm outros parceiros financeiros, e 97% se relacionam

¹⁶ “Nos eventos eram pagos os técnicos de som, o palco o som, o frete, mas nunca os artistas.” Ibid., p. 98.

¹⁷ Preto Ghóez, um dos líderes do MHHOB: “Dudu, a gente precisa criar e cuidar das nossas próprias atividades e empreendimentos, da nossa própria gente e do nosso dinheiro.” Ibid., p. 113. E “A gente pode criar um mercado independente, próprio. Não fica pesado pra ninguém e a gente fomenta a produção e o consumo dos nossos produtos.” Ibid., p. 114.

¹⁸ Ibid., p. 209.

estavelmente com escolas, empresas, organizações não governamentais (ONGs) e secretarias, entre outras.¹⁹

A falta de “grana para o miojo” – para sustentar as vidas dos Enraizados e de suas famílias, além de dar continuidade às próprias atividades culturais – não desmente a sustentabilidade apontada por Pochmann e Ferreira, muito pelo contrário, apenas confirma a necessidade de se definir diferentemente “sustentabilidade”, ou seja, pelo viés da cultura mais do que pela economia, e portanto mais em termos qualitativos do que quantitativos²⁰ (ou seja que inclua as melhorias, quantificáveis ou não, na educação, na cultura e na redução da violência, em suma na qualidade de vida de uma população). Felizmente, ao final do ano de 2007 vem a notícia do 1º lugar do Prêmio Cultura Viva (R\$ 30.000,00): “Minhas pernas tremiam, eu suava frio e dava pulos de alegria, fiquei eufórico com a notícia. De uma vez por todas, entre trancos e barrancos, fechamos o ano de 2007 com chave de ouro”²¹, lembra Dudu. E o ano de 2008 apresenta novos desafios com a inauguração do Espaço Enraizados²², com loja²³, lanchonete, biblioteca, estúdio audiovisual e... novas dívidas²⁴. O Espaço Enraizados parece ser ao mesmo tempo problema e solução. Dumontt insiste na participação do Movimento Enraizados em editais públicos e, em particular, na importância da formação dos grupos culturais: “Todos, inclusive nós, precisávamos aprender a fazer projetos, captar recursos e prestar contas.”²⁵ Dudu prefere abrir o espaço para eventos: para além do hip hop, samba, charm e forró passam a fazer parte da programação cultural do espaço, com maior ou menor sucesso. Realizam, entre muitos outros, o evento Hip-Hop (+) – evento de produção coletiva no sentido que envolvia tanto o Movimento Enraizados quanto o artista convidado – com edição

¹⁹ SILVA, Frederico Augusto Barbosa da; ARAÚJO, Herton Ellery (organizadores). Cultura Viva – Avaliação do programa Arte, Educação e Cidadania. Brasília: IPEA, 2010, p. 7 (apresentação).

²⁰ Um caminho oposto ao que vem empreendo a nova gestão do MinC que prefere definir “sustentabilidade” pelo viés econômico. Essa preferência, aliás, confirma a percepção de Pochmann e Ferreira de que o “Estado brasileiro (e seus gestores) ainda não dispõe de instrumentos adequados para suportar de maneira efetiva, políticas com o desenho e a forma de execução do ‘Programa Arte Cultura e Cidadania – Cultura Viva’”. Ibid., p. 7.

²¹ DE MORRO AGUDO, Dudu. *Enraizados – Os Híbridos Glocais*, p. 224.

²² O Espaço Enraizados foi inaugurado em 5 de abril de 2008 com a presença de representantes políticos, lideranças sociais e culturais, e a população de Morro Agudo.

²³ A loja como “venda através de consignação, uma espécie de comércio solidário, para nosso dinheiro circular entre nós.” Ibid., p. 237.

²⁴ “Eu e Dudu estudávamos muito para sair daquela situação financeiramente incômoda. Estávamos endividados com cartões de crédito e cheque especial, e até pegávamos dinheiro emprestado com nossos familiares para arcar com os compromissos do Movimento Enraizados.” Ibid., p. 246.

²⁵ Ibid., p. 139.

nova toda semana, num total de vinte e quatro. A resposta aos editais exige por sua vez uma engenhosidade enorme na elaboração de projetos sempre mais ousados, sem falar nas articulações políticas, nas estratégias com a imprensa e, sobretudo, na ampliação da Rede Enraizados (da qual falaremos mais adiante) do nível local ao nacional e, em pouco tempo, ao internacional. Projetos, projetos, projetos, projetos, projetos, projetos, projetos diria Oswald de Andrade. No final de 2008, o Enraizados colhe os frutos desse investimento: dos dez projetos enviados, dez são aprovados: “A organização que devia dinheiro a todo mundo conseguiu pagar todas as contas e ainda contratou 40 pessoas durante o ano.”²⁶ As dívidas ficam para trás. É hora de fazer uma avaliação mais precisa para entender por um lado os motivos da demora relativa para ser estabelecido um ponto de equilíbrio – entre a necessidade de dinheiro, a produção de cultura e a alegria de viver – e, nesse sentido, dar continuidade a políticas como o dos Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva em direção de uma sustentabilidade conceituada de outra maneira. Uma das maiores dificuldades que encontramos ao longo de toda a narrativa de *Enraizados – Os Híbridos Locais* diz respeito à infra-estrutura.

3. Viabilizar espaços e equipamentos

Trata-se aqui do problema clássico dos meios de produção. A procura de um local para a realização das atividades culturais atravessa toda a narrativa e, longe de se simplificar, o problema só se amplifica com as múltiplas funções que o local deve abrigar. No início da narrativa, “vemos” Dudu em sua casa executando toda a programação e gerenciamento do Portal Enraizados mas, muito rapidamente, esse espaço se torna insuficiente para abrigar, além da produção cotidiana, uma série de outras atividades: as reuniões internas dos militantes do Movimento Enraizados até que fossem generosamente acolhidos por Dona Rosinha – “Mãe do Enraizados” – na varanda da sua casa; as várias edições dos “Encontrões” de jovens do hip hop realizadas na Praça de Morro Agudo e que, em 2006, chegou a fechar cinco ruas do centro; as visitas externas de parceiros, jornalistas ou pesquisadores que vinham conhecer as atividades do Movimento; os eventos públicos cada vez mais numerosos e variados; e enfim, para abrigar um espaço cultural para Nova Iguaçu. Da

²⁶ Ibid., p. 259.

programação do Portal Enraizados na casa de Dudu à inauguração do Espaço Enraizados são mais de 10 anos e muitos percalços, sendo o mais longo deles a tentativa de ocupar a quadra do Ciep 117. A realidade de Nova Iguaçu, onde “polícia ou bandidos facilmente confundem ocupação com invasão”²⁷, não permite levar adiante a ocupação da quadra do Ciep, mas Dudu não se conforma com o fato que um local daquele tamanho ficasse inutilizado, enquanto a comunidade padecia da falta de equipamentos públicos para o esporte e a cultura. O Enraizados havia alugado um escritório – por R\$ 160,00 sem contar taxa de água e conta de luz – para acolher o kit de equipamentos fornecido pelo MinC para seu Ponto de Cultura Fome de Livro. Agora, a ansiedade é ainda maior com a perspectiva de instalação de um cineclube²⁸ e de um telecentro²⁹, de modo que depois das confirmações, acirra-se a procura até que encontram uma antiga oficina de carros que transformam em uma opção cultural para a cidade, saindo de um espaço de 10m² para um de 350m², um sucesso compartilhado com a população do bairro: “As pessoas não conseguiam acreditar no que viam. Aquele espaço enorme, todo grafitado, equipado, tocando rap, no centro de Morro Agudo, era todo nosso, da periferia.”³⁰ Se o aluguel do local é sempre objeto de preocupação, a chegada dos equipamentos é sempre motivo de alegria. Assim foi com a chegada do kit do Ponto de Cultura, em 2006: “Dumontt saiu de casa com a filmadora e a máquina fotográfica parecendo uma criança que acabara de ganhar um brinquedo novo.”³¹ Alegria também na chegada da verba para montar o cineclube – com projetor, sistema de som e filmadora – e bom humor para encarar os revezes da vida: “Nós íamos continuar comendo miojo, mas agora teríamos um cineclube, e isso era o máximo.”³² A experiência do Movimento Enraizados é fundamental para se pensar políticas públicas: no caso do espaço, avaliar verba para aluguel, reforma e manutenção e não apenas construção de novos equipamentos culturais que se revelam muitas vezes inadequados (verdadeiros “elefantes brancos”); no que tange os

²⁷ Ibid., p. 133.

²⁸ Via Secretaria de Valorização da Vida e Prevenção da Violência da Prefeitura de Nova Iguaçu, com Luiz Eduardo Soares. Ibid., p. 195.

²⁹ Via Robson Aguiar, coordenador social do projeto de telecentros da RITS (Rede de Informações para o Terceiro Setor) em parceria com a Petrobrás. Ibid., p. 210.

³⁰ Ibid., p. 230.

³¹ Ibid., p. 170. E na p. 159: “*Imagina um bando de garotos que produziam com apenas um computador Pentium 100 e um teclado velho emprestado com todo esse equipamento nas mãos?*”

³² “*Compramos um projetor, um sistema de som que também servia para fazermos nossas festas, e uma filmadora Mini DV da Sony, modelo PD170, que a gente nem sabia usar, mas era a mesma que o Cacau, do grupo Baixada Brothers, usou para filmar o evento Raiz do Hip-Hop, três anos antes.*” Ibid., p. 210.

equipamentos, além da liberação de verba conferir maior liberdade na escolha, a importância da formação³³, muitas vezes resolvida rapidamente na troca de informações entre os agentes culturais mas que pode ser potencializada.

4. Produzir, estudar, produzir novos conhecimentos e compartilhar

Desde o início da narrativa quando Dudu cria o Movimento Enraizados a partir da resposta positiva de militantes do hip hop às suas primeiras cartas, a relação entre a produção cultural e o conhecimento é fortíssima. Diante da necessidade de estabelecer um espaço de trocas (materiais e imateriais) para o Movimento, e apesar de não conhecer a linguagem de programação adequada, em meados de 1999 Dudu investe na sua formação baixando apostilas na internet e estudando HTML. Para além das ferramentas tecnológicas, a realização do site demanda o domínio de linguagens estéticas para a criação do logotipo e da identidade visual. “Fazer o logotipo foi uma força-tarefa” que exigiu ajuda do amigo Luiz Antonio e de Neném que, além de rapper, grafiteiro, b.boy e DJ, é ainda desenhista e conhecedor dos programas Corel Draw e Photoshop. O logotipo fica pronto e logo famoso. A atenção com o site é constante, seja na sua atualização diária³⁴ (o número de acessos ao site chega a 600 mil por mês) seja no cuidado visual, e isto envolve uma série de conhecimentos:

Eu estudava de tudo para colocar o Portal Enraizados entre os portais de hip-hop mais bonitos e acessados do Brasil. Programação, design, marketing e técnicas de redação. Outros integrantes do Enraizados faziam música o tempo inteiro, alguns eram desenhistas e colaboravam com seu trabalho, a gente ia vivendo como dava.³⁵

Essa sede e fome de saber vão dar alento também às: aventuras impressas como o zine Voz Periférica que, mais tarde, se transforma no jornal Voz periférica; às aventuras radiofônicas que se iniciam com a participação com um programa de rap na rádio comunitária Atitude FM e prossegue hoje com a Rádio Enraizados Web do

³³ “O suporte do MinC não viera nem mesmo para montar o equipamento. E como tudo era em Software Livre, a dificuldade era ainda maior.”, p. 175.

³⁴ “Eu tinha a missão de atualizar diariamente o Portal Enraizados, que sempre foi a porta da organização para o mundo.” Ibid., p. 111.

³⁵ Ibid., p. 111.

Pontão de Cultura Preto Ghóez Juventude Digital; e às aventuras audiovisuais que passam pelo registro de eventos tais como os “Encontrão”, pela experimentação do formato Contra Cinema – “um filme feito no mesmo dia por amadores, sem atores, roteiro, figurino, cenário, apenas com idéias”³⁶ – e finalmente pela produção de documentários e filmes tais como Mães do Hip-Hop, exibido até na França em parceria com a organização francesa Talent et Développement.

Todo esse aprendizado é multiplicado pela participação do Movimento Enraizados em outros eventos como o Trocando Idéia no Maranhão, em 2005:

Nós do Enraizados éramos responsáveis pelas artes-finais que saíam na revista ‘Rap Brasil’, blusas, cartazes e flyers. Eu nunca fui designer, nem sequer fiz curso de Corel Draw ou Photoshop, apenas aplicava os ensinamentos que o Wilson Neném me passou, com um pouco de criatividade que só pode ser coisa de Deus.³⁷

A referência de Dudu a Deus aponta o grau de dificuldade enfrentado mas certamente criatividade não é “coisa de Deus”, e sim fruto da persistência em aprender – absolutamente humana – que o Movimento Enraizados demonstra continuamente. Também “em casa”, esse aprendizado em movimento é tornado visível pelo viés cultural. Na Mostra Cultural Enraizados em setembro de 2009, por exemplo, foram realizadas as seguintes atividades:

mostra de resultados do projeto de intercâmbio Iguaçu-Mesnil; apresentação de Capoeira com o instrutor do Projovem Adolescente; tenda estilizada de fotografia; lançamento dos livros ‘Poesia revoltada’, de Écio Salles, ‘Acorda hip-hop’, DJ TR, com direito a palestra e debate; exibição do filme ‘Iguaçu-Mesnil’; exposição de fotografias do projeto Iguaçu-Mesnil; inauguração da Biblioteca Enraizados; teatro e show de rap com os grupos do casting da organização.³⁸

³⁶ Ibid., p. 203.

³⁷ Ibid., p. 116.

³⁸ Ibid., p. 288.

Mas a visibilidade pelo viés cultural não deve encobrir o enorme potencial pedagógico do Movimento Enraizados e dos Pontos de Cultura em geral: articulados com o ensino fundamental, médio (articulação já validada em projetos como “A escola é mais hip-hop”) e superior, poderiam adquirir reconhecimento enquanto Pontos de Conhecimento (ligados ao Ministério da Educação e não apenas ao Ministério da Cultura). A universidade também está presente nas vidas de Dudu (Faculdade de Informática na Universidade Estácio de Sá) e Dumontt (Faculdade de Administração na UFRRJ), mas o Movimento Enraizados vai além da educação formal e cria seu próprio sistema de educação contínua. Para além da formação orientada para a formatação de projetos, Dumontt também aposta nas dinâmicas de grupo para as palestras, aulas e oficinas que os Enraizados passaram a dar sob demanda de várias organizações e secretarias. O aprendizado do Software livre se torna necessário na parceria com o MinC³⁹ e, com ele, é valorizada a potência do compartilhamento mais do que a premência do consumo. Importante para a produção na internet, o inglês se torna fundamental para a circulação internacional do Movimento: Dudu, Dumontt e Kall freqüentam o curso Brasas com bolsas de estudo conseguidas através de articulações. Quando não há bolsas de estudo e o dinheiro está curto, apenas um faz o curso e repassa o conhecimento para os outros.⁴⁰ Produzir, estudar, produzir novos conhecimentos e, sobretudo, compartilhar: é isto que move o Movimento Enraizados e por ele é movido. Conhecimento livre em software livre que já transformam o conhecimento em si e que, com novas políticas públicas, podem transformar todo o seu sistema de produção e reprodução cultural e educacional.

5. Organizar a produção, articular a resistência: em rede!

Desde o início, Dudu percebia que toda a produção cultural do Movimento Enraizado se dava “em rede” – e não em “cadeias produtivas” –, mas essa percepção se tornou convicção no dia que Dumontt telefonou perguntando: “estou aqui em

³⁹ “Como participava ativamente do MHHOB, fui convidado para dar palestra sobre Software Livre na mesa ‘Comunicação popular e cultura hip-hacker’ junto com o Cláudio Prado, do Cultura Digital do Ministério da Cultura, e a Fernanda Weiden, criadora do projeto ‘Software Livre mulheres’. Apesar de eu não saber absolutamente nada de Software Livre, na época era o cara do MHHOB que mais entendia de tecnologia. Estudei um pouco antes de viajar e preparei um discurso bem básico e superensaiado.” Ibid., p. 123.

⁴⁰ No caso da formação em produção cultural, Dudu comenta que “como o Dumontt é bem mais paciente para ensinar do que eu, fez o curso e nos ensinou o que aprendeu.” Ibid., p. 199.

Brasília com muitas instituições que trabalham com hip-hop e juventude. Posso convidar eles para entrar na Rede Enraizados?”⁴¹ A Rede Enraizados que não existia até então – existia apenas o Portal Enraizados formado por colaboradores – se formou naquele mesmo instante com seis instituições. Não apenas o trabalho em rede – trabalho de produção, divulgação, distribuição e formação – do Movimento Enraizados ia formando sempre novas redes de hip hop (o Portal Enraizados e a Rede Enraizados, mais institucional) como também ia se fortalecendo junto a outras redes de cultura em geral como a Rede de Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva do MinC. Redes tendem a se expandir para além das fronteiras nacionais e este também foi o caso para o Movimento Enraizados cuja “rede já tinha uma grande articulação com países como Colômbia, Chile, Portugal, Finlândia, Estados Unidos, Japão, França, Alemanha, Espanha, México, Angola, Moçambique e Argentina”⁴², e que passa a articular o virtual com o presencial como foi o caso do Programa de Intercâmbio e Difusão Cultural do MinC que permitiu trocas culturais entre Nova Iguaçu e a cidade de Blanc Mesnil na França.

Para além das redes culturais a nível nacional e internacional, o Movimento Enraizados se articula com três outras importantes redes: redes de comunicação, redes de movimentos sociais e redes de articulação política. Desde os primórdios, a relação com as redes de comunicação revelou-se de grande importância pois havia a necessidade de chamar a atenção para o Movimento Enraizados. Nesse sentido, foi criada a identidade visual entre outras estratégias de visibilidade como a de marcar a cidade com seu logotipo e depois fazer blusas para colocar na rua: “Além de nos dar visibilidade geraria uma renda extra para a organização.”⁴³ A relação com a mídia, convencional ou comunitária, também permitiu que o Movimento ganhasse notoriedade em outros circuitos. Dudu menciona as matérias e entrevistas no jornal O Dia, na revista Carta Capital, na rádio America no Coração da Baixada e na TV Brasil como momentos que se sentia valorizado, ciente que e “ser valorizado por um trabalho não tem a ver com ego, mas com autoestima.”⁴⁴ Autoestima rima com autonomia e autovalorização. Resta fortalecer a articulação entre Pontos de Cultura e Pontos de Mídia Livre, e de ambos não apenas com o Ministério da Cultura como também com o Ministério das Comunicações. Também sempre foi relevante a

⁴¹ Ibid., p. 148.

⁴² Ibid., p. 264.

⁴³ Ibid., p. 147.

⁴⁴ Ibid., p. 62.

articulação com redes de movimentos sociais, em particular com os camelôs, de modo a criar uma outra circulação de bens culturais na cidade: “com o objetivo de popularizar o trabalho, as matrizes são repassadas para os artistas e camelôs. Nas bancas montadas na rua, cada produto é vendido a 5 reais, dos quais 1 real deve retornar para o Enraizados na forma de pagamento de uma licença (*Creative Commons*), o que rende cerca de 35 reais semanais. Já os artistas podem reproduzir as matrizes e vender pelo preço que desejarem.”⁴⁵ E por fim, a articulação do Movimento Enraizados com redes política lhe amplificou a potência.

Quando falamos em “redes políticas” nos referimos, na realidade, a duas redes que nem sempre se articulam. A primeira é a da representação política (da qual o Movimento Enraizados mostra certa desconfiança por conta do “jogo político-partidário”⁴⁶, mas da qual não se afasta de todo mantendo contato com governos municipais, estaduais e federais através de suas secretarias e ministérios. A segunda, e sensivelmente mais importante, é a militância do hip-hop. É com ela que Dudu dá início à sua organização através de três simples cartas, e é com ela que lhe dá continuidade através do encontro com o MHHOB – encontro marcante o bastante para qualificar 2003 como um “ano divisor de águas”⁴⁷ – e, em particular, com Preto Ghóez (o Pontão Digital carrega seu nome como homenagem póstuma). Para Dudu, “enquanto o Movimento Enraizados era um grupo totalmente cultural que se espalhava pelo Brasil, o MHHOB era uma organização que discutia políticas públicas para a juventude.”⁴⁸ Três anos mais tarde, em 2006, Dumontt propõe a criação do CEFAM (Centro de Estudo e Formação de Ativismo e Militância) que, nos anos seguintes se dedicou de modo especial à questão da violação dos direitos humanos no bairro marcado pela violência e à conscientização política da juventude através de pesquisa sobre liderança negras. O ativismo e a militância não se encontra apenas nos “conteúdos” mas na própria “forma” do Movimento Enraizados, sempre pronto a “compartilhar poder com os garotos, sempre os enviando para participar das atividades para as quais nós do Enraizados éramos convidados.”⁴⁹ Em suma, nas redes, a descentralização da produção vem acompanhada da descentralização do poder. Esse aprendizado vem, por exemplo, da experiência com as bolsas Agente

⁴⁵ Artigo de Bernadete Toneto, Jacqueline Lemos e Renato Carraro na revista Carta Capital no 464.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 140

⁴⁷ *Ibid.*, p. 96.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 97.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 147.

Cultura Viva quando os jovens bolsistas deixam de ver os Enraizados como “aliados que lutam pela mesma causa” e passam a vê-los como “empregadores”.⁵⁰ Há simultaneamente uma crítica implícita ao uso da bolsa como processo de domesticação dos jovens para o mercado do trabalho e uma demanda efetiva de participação dos jovens nos processos de decisão do Movimento. A relação do Movimento Enraizados com o MHHOB fez, pois, uma grande diferença na condução de sua política interna, uma política definida desde o início da contratação⁵¹ dos jovens por ocasião da multiplicação dos projetos. É este empoderamento real da juventude que produz cultura que está presente na fala de Lamartine, militante do MHHOB:

“O Movimento hip-hop de Nova Iguaçu que está discutindo políticas públicas, que está ocupando os espaços públicos para fazer essas mudanças, esse movimento se chama Enraizados. No Brasil inteiro a gente vê organizações fazendo política pública, exercendo o papel do estado sem espaço físico, e aqui não é muito diferente. É a forma de ajudar, a forma de mudar, de dar oportunidade de o jovem mudar a realidade de analfabetismo, tráfico, drogas, desemprego e violência em Nova Iguaçu. A juventude não confia em partido, não confia em político, é porque normalmente essas instâncias usam a juventude como massa de manobra, para dar voto, como coisas descartáveis mas, a partir do momento que você coloca a juventude como ator principal do seu processo de mudança, esse processo de mudança vem, e um exemplo disso é o Movimento Enraizados em Nova Iguaçu.”⁵²

CONCLUSÃO

Não é por acaso que esta fala vem do movimento cultural. Não é por acaso que o maior escândalo deste início de governo venha do Ministério da Cultura – ministério cobiçadíssimo apesar do baixíssimo orçamento – pela descontinuidade com a política anterior apesar da promessa eleitoral de continuidade. É que, em tempos de

⁵⁰ Ibid., p. 183.

⁵¹ “[...] *Contratamos aquelas que tinham um perfil parecido com o da organização. Fizemos imersão em que explicávamos o projeto que seria executado e falávamos sobre a organização. O projeto deveria se integrar à organização, não iríamos somente executar o projeto, nós viveríamos o projeto.*” Ibid., p. 259.

⁵² Ibid., p. 165-166.

capitalismo cognitivo⁵³ e cultural, embora abrigue as experiências mais duras de precariedade do trabalho, a cultura é também o terreno possível da construção radical de uma **ressignificação cultural da economia** por meio de uma **reconceituação cultural de sustentabilidade** que subverte a lógica econômica do desenvolvimento sustentável. Enquanto esta última perpetua a “teoria do bolo” segundo a qual o bolo deve crescer e somente depois ser repartido sendo a cultura a “cereja do bolo” – e cujo emblema no Rio de Janeiro é o Museu do Amanhã, dito “museu da sustentabilidade” –, o Programa Cultura Viva constitui uma política que faz do compartilhamento dos ingredientes a base do crescimento do bolo, e da cultura o seu fermento. Essa subversão também supõe uma **reinvenção cultural do trabalho**, ou seja, o reconhecimento concreto que o trabalho⁵⁴ hoje se desdobra em uma série de atividades que, como vimos, por suas características físicas, cognitivas e afetivas se confunde com a própria vida. Segundo Cocco, é na cultura que o mercado e a lógica do capital tem se afirmado como ‘perda de mundo’⁵⁵, mas também é nela, que, a cada dia, são construídos novas formas de vida e novos mundos. Hoje, o Movimento Enraizados⁵⁶ além de articular cerca de 60 Pontos de Cultura no Estado do Rio de Janeiro, sai da invisibilidade e persiste em seu movimento de “organismo vivo, mutante, assim qualquer definição expira rapidamente.”⁵⁷ Mas podemos apreendê-lo em seu movimento que, enquanto Pontão de Cultura, é a fuga da grande colméia produtiva da Economia Criativa pois nela reconhece-se (leia-se: remunera-se) apenas o que se traduz em produção de mel (mensurável) e não o trabalho de polinização (incomensurável), ou seja, o trabalho da cultura como relação, intensidade de relações sociais de produção de mundos.⁵⁸ É a fuga dos clusters criativos destinados à invisibilidade (ou visibilidade sob controle) nas periferias e cuja única vitrine na

⁵³ MOULIER-BOUTANG, Yann. *Le Capitalisme Cognitif. La Nouvelle Grande Transformation*. Paris: Amsterdam, 2007.

⁵⁴ LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. *Trabalho Imaterial*. Rio de Janeiro: DPeA, 2001.

⁵⁵ COCCO, Giuseppe. As Políticas Culturais e o Bolsa Família: Sobre uma (breve) conversa com o Ministro Juca Ferreira em <<http://www.universidadenomade.org.br/?q=node/94>>

⁵⁶ “Atualmente, executamos o Pontão de Cultura Digital, o Projovem Adolescente, o Pontinho de Cultura, a Biblioteca Enraizados, o Telecentro Comunitário e o filme ‘Round One: Morro Agudo X Comendador Soares. Temos também projetos de comunicação que envolvem a Revista Enraizados. Estamos reformulando o Portal Enraizados, a Rádio Comunitária e online, e criamos um núcleo de comunicação para mostrar de modo mais eficiente a evolução de cada projeto e os passos da organização. Faremos mais cópias do meu disco ‘Rolo compressor’, que esgotou. Prensaremos o DVD do filme ‘Mães do Hip Hop’ co legendas em português, inglês, espanhol e francês.” DE MORRO AGUDO, Dudu. *Enraizados – Os Híbridos Glocais*, p. 289.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 63.

⁵⁸ COCCO, Giuseppe. As Políticas Culturais e o Bolsa Família: Sobre uma (breve) conversa com o Ministro Juca Ferreira <http://www.universidadenomade.org.br/?q=node/94>

cidade dita formal é o museu que cada vez mais se assemelha a um supermercado recreativo, não muito diferente daquele do qual Dudu e Dumontt tanto lutaram para sair, fazendo enfim a periferia fugir...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COCCO, Giuseppe. As Políticas Culturais e o Bolsa Família: Sobre uma (breve) conversa com o Ministro Juca Ferreira em
<<http://www.universidadenomade.org.br/?q=node/94> >
- DA SILVA, Rociclei. *Informação, cultura e cidadania no coração da periferia pelas batidas do hip hop*. Rio de Janeiro, 2011. (Dissertação Mestrado no IBICT/Ministério da Ciência e Tecnologia).
- DE MORRO AGUDO, Dudu. *Enraizados: Os Híbridos Glocais*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.
- LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. *Trabalho Imaterial*. Rio de Janeiro: DPeA, 2001.
- PORTO, Marta. *Cultura e desenvolvimento em um quadro de desigualdades*. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e Fundação Pedro Calmon, 2009.
- MOULIER-BOUTANG, Yann. *Le Capitalisme Cognitif - La Nouvelle Grande Transformation*. Paris: Amsterdam, 2007.
- SILVA, Frederico Augusto Barbosa da; ARAÚJO, Herton Ellery (organizadores). *Cultura Viva – Avaliação do programa Arte, Educação e Cidadania*. Brasília: IPEA, 2010.
- TURINO, Célio. *Ponto de Cultura. O Brasil de baixo para cima*. São Paulo: Anita, 2009.